

HIPERTEXTO / NOVA ORDEM

Quem diria que os EUA quase deram calote, que a Europa teria tantos pobres e que o Brasil e a China surgiriam como os salvadores da crise

NOVOS RICOS DEU A LOUCA NA ECONOMIA

ABDO FILHO
afilho@redgazeta.com.br

Estados Unidos à beira do calote, europeus perdidos em meio a tantas dívidas, Japão em plena recessão e líderes de países como Brasil, Rússia, Índia e China (batizados de Brics) colocando-se à disposição para encontrarem uma solução para o problema. Se você se deparasse com um início de matéria (lead no jargão jornalístico) desses há uns dez anos, chamaria o jornalista responsável pelo texto de louco. Pois é, mas o mundo dá voltas e é exatamente isso o que acontece neste exato instante. Para muitos economistas trata-se de uma mudança de paradigma, é o desembocar de um movimento iniciado ainda na década 80, com a organização econômica e política – uma das duas ou as duas ao mesmo tempo – dos países que hoje estamos prestes a chamarmos de potências globais.

O desembocar, não por acaso, se dá no instante em que Europa, EUA e Japão se encontram num momento tão crítico. O diário espanhol El País, em reportagem recente, afirma que mais que a mudança no equilíbrio de poder global em favor dos emergentes há também uma dimensão política. “O mundo mudou o centro de gravidade do norte e ocidente para o sul e oriente. A globalização dispersou o poder, tão concentrado até agora, na fortaleza americana, por todo o sistema internacional”, diz o artigo.

O COMEÇO

Na avaliação do professor do Departamento de Economia da Ufes Arlindo Vilaschi, as mudanças hoje em curso começaram, de maneira bem lenta, no início dos anos 70. “Essa transformação do mundo começou lá na década de 70 e se acentuou de 80 para frente, com o aprimoramento dos microeletrônicos e com a globalização de fato. A tecnologia permitiu uma melhor distribuição da riqueza pelo mundo. O que antes ficava apenas em EUA, Europa e Japão se espalhou para outros lugares”, analisa.

Ele enumera fatos importantes que

MUDANÇAS NO TABULEIRO MUNDIAL

Veja como a economia se modificou e hoje países desenvolvidos estão em crise, enquanto os emergentes estão segurando o crescimento mundial.

PROJEÇÕES DE CRESCIMENTO DO FMI



POR QUE A EUROPA ESTÁ EM CRISE?

- A formação de uma crise financeira na zona do euro deu-se, fundamentalmente, por problemas fiscais. Alguns países, como a Grécia, gastaram mais dinheiro do que arrecadaram em impostos nos últimos anos. Para se financiarem, passaram a acumular dívidas. Assim, a relação do endividamento sobre PIB ultrapassou o limite de 60% estabelecido no Tratado de Maastricht, que criou a zona do euro.

- No caso da economia grega, a razão dívida/PIB é mais que o dobro deste limite. A desconfiança de que os países da região teriam dificuldade para pagar as dívidas fez com que os investidores passassem a temer ter ações e títulos públicos e privados europeus.

E OS EUA?

- Endividados por conta das guerras contra o terror e da crise de 2008 (do subprime), quando o governo estatizou várias bancas para evitar quebra, os EUA não gozam da confiança de outros tempos. Todos apostavam em recuperação, mas isso não ocorreu e o “remédio” do salvamento teve efeito colateral: o endividamento dos governos.

- Para piorar, em julho e agosto, Casa Branca e Congresso travaram uma verdadeira batalha sobre o teto da dívida norte-americana e havia risco de calote, fechando acordo na última hora. A batalha rendeu um rebaixamento da classificação de crédito dos Estados Unidos pela Standard & Poor's.

QUAL A IMPORTÂNCIA DOS BRICS?

O grupo inclui quatro países: Brasil, Índia, Rússia e China. Alguns economistas incluem a África do Sul. Entre 2000 e 2010, o grupo mais do que dobrou sua participação no comércio mundial, de 7,2% para 15% do total.

Nesse mesmo período de comparação, as exportações do grupo saltaram de **US\$ 451 bilhões** para **US\$ 1,8 trilhão**.

Segundo projeções do banco de investimentos Goldman Sachs, criador do termo, esses quatro países em desenvolvimento vão se transformar em gigantes econômicos, com crescimento do PIB e da renda per capita. Até 2050, devem superar os países do G6 (G7 menos o Canadá, ou seja: Estados Unidos, Japão, Reino Unido, Alemanha, França e Itália).

ajudaram a disparar o gatilho dessa nova ordem. “Em 2001, a China entrou na OMC (Organização Mundial do Comércio). De lá para cá, eles se tornaram a indústria do mundo, cresceram, e ainda crescem, muito. A Índia, com toda facilidade da tecnologia, transformou-se numa grande prestadora de serviços para europeus e norte-americanos. O Brasil virou o principal fornecedor de matérias-primas (aço, minério) e alimentos para uma China em pleno crescimento. Toda essa conjuntura favorável fez com

que essas nações ficassem mais fortes”.

Hoje, por conta da balança de pagamentos quase sempre superavitária na última década, os emergentes ostentam grandes reservas internacionais – US\$ 3,2 trilhões no caso da China, US\$ 352 bilhões no caso do Brasil e US\$ 320 bilhões no caso da Índia. Essas poupanças, além de darem confiança ao mercado, despertam interesse dos que lutam para financiar suas dívidas.

INVESTIMENTO ESTRANGEIRO

Alcides Leite, economista da Trevisan

Escola de Negócios, lembra que, além de fornecedores, os emergentes passaram a receber grande volume de investimento estrangeiro da década de 90 para cá, o que impulsionou ainda mais a expansão dessas economias.

“Num mundo globalizado, é natural a ida de recursos para locais que oferecem mais oportunidades de crescimento. É mais fácil crescer onde falta (emergentes) do que crescer num mercado saturado (desenvolvidos). Veja a quantidade de bancos europeus que vieram para o

